

FIDES REFORMATATA 1/1 (1996)

The Greek New Testament, Fourth Revised Edition, eds. **Barbara Aland, Kurt Aland, Johannes Karavidopoulos, Carlo M. Martini e Bruce Metzger (Stuttgart: United Bible Society, 1993).**

Em 1993 as Sociedades Bíblicas Unidas (*United Bible Societies*) lançaram a quarta edição do *The Greek New Testament* (O Novo Testamento Grego, UBS 4), e a vigésima sétima edição do *Nestle e Aland (NA 27)*. Essas duas obras contêm um mesmo texto grego, com diferença apenas no aparato crítico. O texto grego publicado pela UBS tem servido nas últimas décadas como o texto básico para tradutores ao redor do mundo, bem como para seminários e escolas bíblicas, na formação de pastores quanto à exegese do Novo Testamento.

A primeira edição, que surgiu em 1966 (UBS 1 e NA 24), era o resultado do esforço de uma equipe internacional e interdenominacional, formada em 1955, de peritos em manuscritologia bíblica, em prover para os tradutores um texto grego básico, acompanhado das principais variantes e de uma indicação de sua certeza relativa para facilitar a decisão dos tradutores. Já que a grande maioria de tradutores e estudiosos do Novo Testamento não têm conhecimento das questões complexas e sofisticadas relacionadas com escolha de variantes do texto grego, esse aparato crítico com a indicação da equipe internacional serviria como grande ajuda. Os tradutores e estudiosos do Novo Testamento poderiam assim se beneficiar do conhecimento da equipe de peritos. Uma ajuda extra foi o aparato de pontuação, contendo informações sobre a estrutura das sentenças e de seu sentido.

Em 1968 apareceu a segunda edição (UBS 2). O aparato crítico da UBS 1 continha, além das variantes mais importantes, e que podiam modificar o sentido do texto, outras variantes sem qualquer importância. A UBS 2 manteve o mesmo texto grego e o mesmo aparato, apenas com algumas modificações.

A terceira edição (UBS 3, 1975) passou por profundas revisões, tanto do texto grego quanto do aparato crítico. Ela trouxe as seguintes inovações: (1) 250 novos manuscritos cursivos listados, apesar de apenas 50 deles serem citados no aparato crítico; (2) 500 modificações no texto grego, a maioria envolvendo a adição de colchetes []; (3) diminuiu o grau de certeza das variantes.

A terceira edição foi revisada em 1983. O mesmo texto grego foi preservado, enquanto que o aparato da pontuação passou por modificações. A pontuação às vezes tem tremenda importância exegética, como o aparato de Mateus 3.17; Marcos 1.27 e João 7.37,38 indicam.

Depois de dez anos de uso por tradutores, estudiosos, pastores e seminaristas no mundo todo, a UBS 3 reapareceu em sua quarta edição (UBS 4, 1993). O mesmo texto grego continuou, mas o aparato crítico, com as indicações de certeza, foi profundamente modificado. A equipe de peritos havia chegado a conclusão que o aparato contendo as variantes e seu relativo grau de certeza deveria ser editado de acordo com a experiência dos tradutores que haviam usado os aparatos anteriores. Uma pesquisa entre tradutores de quinze línguas principais revelou quais variantes tinham sido realmente úteis e quais não tinham sido de qualquer valor. O resultado foi que cerca de 300 novas variantes foram acrescentadas, e cerca do mesmo número de variantes foi retirado do aparato

crítico.1

O aparato contendo pontuação foi totalmente revisado na UBS 4. Com a influência do método de "análise de discurso", a pontuação de frases e sub-frases foi deixado de lado, e procurou-se agora marcar as divisões maiores do texto.

Creio que as reformas que apareceram no UBS 4 representam um progresso no sentido de dar aos usuários do texto grego um aparato relevante e útil na exegese e tradução do Novo

Testamento. A pergunta ainda é quantos deles saberão dizer qual a diferença se uma variante aparece no Harclensis, no Evangelho Velho-Eslávico, ou em Clemente. Ou ainda, quantos tradutores trabalhando no campo, ou mesmo pastores estudando seu Novo Testamento grego, conhecerão o suficiente de crítica textual ou manuscritologia bíblica para usarem de forma inteligente o aparato crítico do UBS 4 ou do NA 27.

A mudança do tipo da letra grega nos parece um retrocesso. Na UBS 3 a impressão do texto grego é fácil de ler. O tipo foi mudado na UBS 4 para um itálico que dificulta a leitura. Ao mesmo tempo, Nestle e Aland 27 apareceu em formato maior, e tipo maior. O resultado é que ficou mais fácil, na minha opinião, ler a impressão do texto grego em NA 27 do que UBS 4.

Finalmente, esta nova edição perpetua alguns dos problemas ocorridos com as anteriores. O alvo inicial da UBS era publicar um aparato crítico mais fácil de ler do que o da NA, que é cheio de siglas, e contém bem mais variantes. Embora no geral esse alvo tenha sido atingido, passagens como Gálatas 5.1 na UBS 4 tem um aparato tão complexo quanto o da NA 27.2.

— *Augustus Nicodemus Lopes*